

LINHAGEM SANGRENTA

JAMES ROLLINS

LINHAGEM SANGRENTA

Um romance da série Força Sigma

Tradução de
JOSÉ LUÍS LUNA



BERTRAND EDITORA

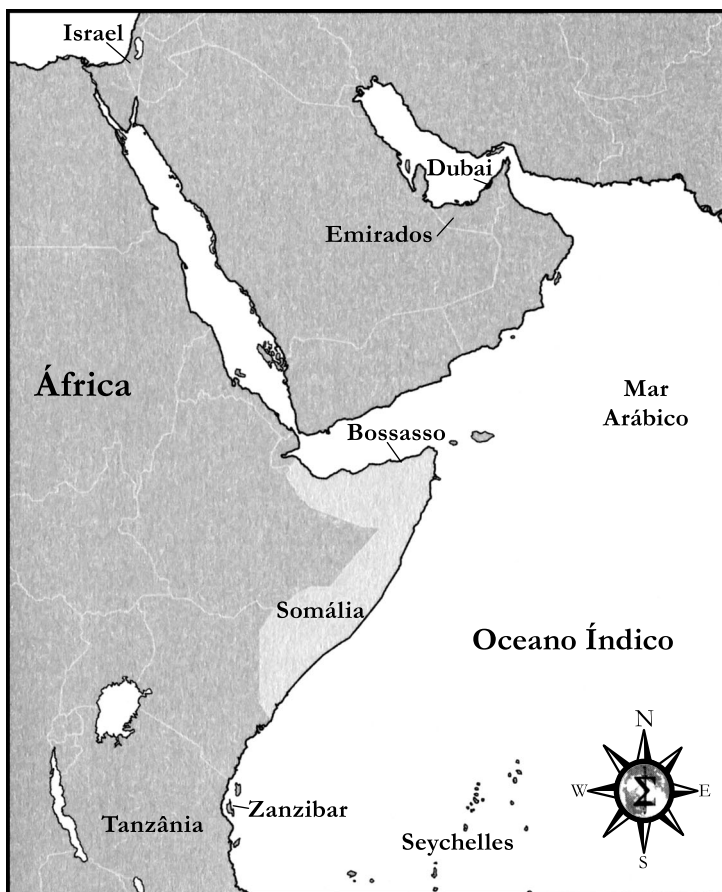
Lisboa 2013

Para três irmãos e três irmãs, Cheryl, Doug, Laurie, Chuck, Billy e Carrie.
Depois de termos andado nas trincheiras no ano passado, pareceu-me
apropriado estarmos igualmente juntos aqui. Amo-vos, a todos.

AGRADECIMENTOS

Diz-se que não deve haver muitos cozinheiros numa só cozinha. Pode aplicar-se em culinária, mas não na arte literária. Cada uma das pessoas a seguir mencionadas tornou este livro melhor. Detesto meter o primeiro grupo no mesmo saco, mas como foi assim que apareceram, o que posso fazer? São os meus primeiros leitores, os meus primeiros redatores e alguns dos meus melhores amigos: Sally Barnes, Chris Crowe, Lee Garrett, Jane O'Riva, Denny Grayson, Leonard Little, Scott Smith, Penny Hill, Judy Prey, Dave Murray, Will Murray, Caroline Williams, John Keese, Christian Riley e Amy Rogers. Como sempre, um obrigado especial a Steve Prey pelos bonitos mapas e ilustrações anexos... e a Cherei McCarter por todo o material para as grandes histórias! Ao doutor Scott Brown pela ajuda com questões médicas (como vê, figura no livro) e Mihir Wanchoo por estar lá desde o princípio. A Carolyn McGray, que deixa finalmente a sua estrela brilhar... e a David Sylvian por juntar todas as peças e permitir que a minha presença digital brilhe. A todos da HarperCollins por sempre me protegerem: Michael Morrison, Liate Stehlik, Seale Ballenger, Danielle Barlett, Josh Marwell, Lynn Grady, Adrienne di Pietro, Richard Aquan, Tom Egner, Shawn Nicholls, Ana Maria Alessi, Olga Gardner e Wendy Lee (vou sentir saudades). Por último, claro está, um agradecimento especial a quatro pessoas que contribuíram ao longo de todas as fases de produção: a responsável pela edição do livro, Lyssa Keusch e a sua colega Amanda Bergeron, bem como os meus agentes, Russ Gallen e Danny Baror. A responsabilidade por todos os erros factuais ou pormenores deste livro recai, como sempre, inteiramente sobre os meus ombros.

Corno de África



PALAVRAS DE PRESIDENTES ASSASSINADOS

Sobre a existência e ameaça das atuais sociedades secretas:

Somos mundialmente hostilizados por uma monolítica e brutal conspiração que conta, sobretudo, com meios indiretos para expandir a sua esfera de influência... construindo uma elaborada máquina altamente eficaz que combina operações militares, diplomáticas, econômicas, científicas, políticas e de espionagem.

— JOHN F. KENNEDY, EXTRATO DE UM DISCURSO PROFERIDO NO
HOTEL WALDORF-ÁSTORIA EM 27 DE ABRIL DE 1961.

Sobre a vida e a morte:

Deus não teria certamente criado um ser como o homem, capaz de entender o infinito, para existir apenas durante um dia! Não, não, o homem foi feito para ser imortal.

— ABRAHAM LINCOLN

NOTAS DO ARQUIVO HISTÓRICO

As teorias de conspiração abundam em toda a história. Fazem parte da natureza humana. Andamos sempre à procura de padrões no meio do caos, indícios de quem manipula o grande esquema da vida, governos e o rumo da humanidade. Alguns desses sombrios conspiradores desempenham o papel de maus; outros, o de benfeitores. Certas cabalas secretas baseiam-se em factos históricos; outras, em mera ficção; e algumas são o nó górdio de ambas, entrelaçado de forma tão inexplicável que a linha entre a realidade e a ficção se torna uma emaranhada tapeçaria de história falsificada.

E em nenhuma outra organização na história isto é mais verdadeiro do que no caso dos cavaleiros Templários.

Em princípios do século XII, esta ordem começou como um grupo de nove cavaleiros que juraram proteger a viagem dos peregrinos à Terra Santa. Uma poderosa e próspera ordem acabaria por nascer deste humilde início e, temida por papas e reis, propagar-se pela Europa. Em 13 de outubro de 1307, o rei de França e o papa decidiram pôr fim aos Templários, declarando que os cavaleiros tinham cometido grandes atrocidades e heresias. Após essa purga, lendas e mitos toldaram o verdadeiro destino da ordem: histórias de tesouros escondidos e da fuga de cavaleiros para o Novo Mundo; alguns relatos chegam a pretender que a ordem ainda existe em segredo e que protege um poder capaz de refazer o mundo.

Mas ponham-se de parte tais especulações e mitos para voltar a esses primeiros *nove* cavaleiros. O que muitos desconhecem é que esses nove membros fundadores eram parentes consanguíneos ou por casamento, provenientes da mesma família. Os nomes de oito desses cavaleiros encontram-se registados em documentos históricos. Mas o do nono continua a ser um

enigma, o que dá azo a muita especulação por parte dos historiadores. Quem era esse misterioso membro fundador de uma ordem que alcançaria tal proeminência histórica e lendária? Porque nunca foi nomeado como os outros?

A resposta a esse mistério é o começo de uma empolgante aventura.

NOTAS DO ARQUIVO CIENTÍFICO

Em 21 de fevereiro de 2011, lia-se na capa da revista *Time: 2045, o ano em que o homem se torna imortal*. Aparentemente, pode parecer uma declaração extravagante, mas outros cientistas fizeram reivindicações semelhantes. No seu livro *Advances in Anti-Age Medicine*, o doutor Ronald Klatz escreveu o seguinte:

«Dentro de mais ou menos cinquenta anos, supondo que um indivíduo possa evitar ser vítima de um acidente grave ou de homicídio, será totalmente possível viver virtualmente para sempre.»

Estamos a viver um período excitante em que o progresso em medicina, genética e uma miríade de outras disciplinas estão a abrir a mais recente fronteira para a humanidade: *eternidade*.

Como se manifestará, que forma tomará? A resposta será revelada nestas páginas. Os conceitos que surgem neste romance baseiam-se em factos e pesquisa exaustiva provenientes de estudos feitos por cientistas soviéticos durante a Guerra Fria. Mas antes de passar à primeira página, devo fazer uma correção quanto às declarações feitas acima. Para dizer a verdade, são demasiado *prudentes* quanto às suas estimativas.

A eternidade não está apenas ao nosso alcance — *já se encontra entre nós*.

PRÓLOGO

VERÃO DE 1134 TERRA SANTA

Chamavam-lhe outrora bruxa e puta.

Mas já não.

Encavalitou-se no alazão pardo quando o cavalo de guerra com armadura preta avançou cautelosamente por entre a carnificina da batalha. Corpos de mouros e cristãos cobriam os campos. A passagem dela assustou as gralhas e os corvos que se banquetevam, afugentando-os em grandes nuvens pretas. Outros animais necrófagos — de duas pernas — vasculhavam os mortos, tirando-lhes as botas e arrancando as flechas para aproveitar as pontas e as penas. Alguns rostos fitaram-na, mas, depois, voltaram a desviar rapidamente o olhar.

Ela sabia o que eles viam. Mais um cavaleiro entre muitos dos que aqui tinham combatido. Os seus seios estavam escondidos pela cota de malha almofadada e um elmo cónico cobria-lhe o cabelo preto cortado pelos ombros, mais curto do que o da maioria dos homens; as suas feições finas eram obscurecidas por uma trave metálica diante do nariz. Pendendo ao lado da sela, uma larga espada de dois gumes batia contra o seu joelho esquerdo fazendo retinir as proteções metálicas das suas pernas compridas.

Poucos sabiam que não era um homem — e *ninguém* sabia que guardava segredos bem mais sombrios do que o seu sexo.

O escudeiro esperava-a à beira de um caminho íngreme que serpenteava até um torreão de pedra isolado. Esta pesada estrutura, escondida no fundo das montanhas Naftali da Galileia, não tinha nome e parecia ter sido talhada

na própria colina. Para lá das suas muralhas, o Sol vermelho descia no horizonte toldado pelo fumo das fogueiras dos acampamentos e dos campos queimados.

O jovem escudeiro dobrou um joelho quando ela deteve o cavalo a seu lado.

— Ele ainda cá está? — perguntou ela.

Um aceno de cabeça. Assustado.

— Lorde Godefroy aguarda-vos mais adiante.

O escudeiro recusou olhar na direção do torreão de pedra. Mas ela não manifestou relutância e ergueu o elmo para melhor ver.

Finalmente...

Tinha passado dezasseis anos — desde o tempo em que o tio fundou a Ordem dos Cavaleiros Pobres do Templo de Jerusalém — em busca do impossível. Nem mesmo o tio compreendia o pedido para se juntar aos Templários, mas nada podia recusar ao lado da família dela. E, assim, foralhe dado o manto branco da ordem e ela tinha-se juntado aos nove membros originais, escondida tão anonimamente como o elmo que usava, enquanto a ordem crescia em número e prestígio.

Outros da sua família, da sua linhagem, continuaram a manipular a ordem de cavaleiros do interior e do exterior: acumulando riquezas e conhecimentos, procurando relíquias de criptas perdidas por todo o Egito e pela Terra Santa. Apesar dos seus excelentes planos, tiveram desaires. Há somente um ano, não tinham conseguido adquirir os ossos dos magos — as relíquias dos três reis bíblicos que, segundo se dizia, continham segredos de alquimia.

Ela não permitiria que hoje ocorresse outro erro.

Fazendo estalar as rédeas, incitou a montada a subir o trilho rochoso. A cada passo, o número de mortos ia aumentando à medida que os guardas do torreão opunham uma final e fútil resistência ao assalto. Ao chegar ao alto da colina, deparou com os portões arrombados por um maciço aríete de ferro.

Dois cavaleiros guardavam a entrada. Ambos acenaram com a cabeça. O mais jovem, novato na ordem, tinha uma cruz vermelha pregada ao peito. Outros Templários tinham adotado o mesmo costume, símbolo do desejo de verter o seu próprio sangue pela causa. O mais velho, grisalho e de rosto marcado pelas bexigas, usava simplesmente como ela a túnica tradicional

por cima da armadura. A única condecoração nos seus mantos era o sangue do inimigo.

— Godefroy espera-nos na cripta — disse o mais velho apontando para o interior da cidadela.

Ela conduziu o cavalo através das ruínas e desmontou agilmente. Deixou a espada pendurada na sela, sabendo que não tinha de temer o ataque de algum sobrevivente isolado. Apesar dos seus defeitos, lorde Godefroy era consciencioso e, como prova da sua diligência, o pátio estava juncado com as cabeças dos últimos defensores espetadas em estacas de madeira. Os corpos decapitados empilhavam-se como lenha junto de uma parede.

A batalha estava terminada.

Apenas restavam os despojos.

Ela chegou a uma porta que se abria para um interior sombrio. Uma escada estreita toscamente talhada na pedra da montanha descia por baixo do torreão. O distante cintilar de um archote marcava o fim dos degraus. Desceu, só apressando o passo no último degrau.

Seria verdade? Após tantos anos...

Entrou de rompante numa câmara comprida, ladeada por sarcófagos de pedra. Havia mais de vinte. Ao passar, mal reparou na escrita egípcia, símbolos que sugeriam mistérios anteriores a Cristo. À sua frente, ao fundo da câmara, encontravam-se dois homens iluminados pela luz do archote: um estava de pé e o outro ajoelhado e encostado a um bastão para se manter direito.

Aproximou-se, notando que o último sarcófago fora aberto; a tampa de pedra, rachada, estava pousada ao lado. Tudo indicava que alguém já tinha começado à procura do tesouro ali escondido. Mas a cripta violada só continha cinzas e o que pareciam ser folhas e hastes secas.

O desapontamento transparecia no rosto de lorde Godefroy quando se aproximou.

— Chegaste, finalmente — disse com falsa alegria.

A jovem ignorou o cavaleiro. Em altura, ela dava-lhe pelo queixo, mas ambos partilhavam o mesmo cabelo preto e o nariz aquilino que denotava a ascendência comum vinda do sul de França. Eram parentes distantes.

A rapariga ajoelhou-se e fitou o rosto do prisioneiro. Tinha as feições tisanadas pelo sol e a pele macia. Por baixo de uma madeixa de cabelo escuro, os olhos dele também a fitaram, refletindo a luz do archote. Apesar de

estar ajoelhado, não mostrava medo, apenas uma profunda tristeza que lhe deu vontade de o esbofetear.

Godefroy baixou-se ao lado dela, com a intenção de interferir, para tentar insinuar-se no que devia ter sentido ser de grande importância. E embora ele fosse uma das raras pessoas a conhecerem a verdadeira identidade dela, nada sabia acerca dos seus segredos mais profundos.

— Minha senhora... — começou.

Os olhos do prisioneiro semicerraram-se perante aquela revelação, fitando-a ainda mais fixamente. Todos os vestígios de tristeza desapareceram, deixando uma centelha de receio — que também se desvaneceu.

Curioso... conhece ele a nossa linhagem, os nossos segredos?

Godefroy interrompeu os seus devaneios e continuou.

— A vosso mando, perdemos muitas vidas e derramámos muito sangue para descobrir este lugar oculto por rumores e guardado por tantas maldições como por infiéis... tudo para encontrar este homem e o segredo que guarda. Quem é ele? Ganhei a honra de ficar a par desse conhecimento à custa da minha espada.

Ela recusou-se a desperdiçar palavras com imbecis e dirigiu-se diretamente ao prisioneiro num antigo dialeto árabe.

— Onde nasceste?

Os olhos dele trespassaram-na, rechaçando-a com a pura força da sua vontade, uma rajada de vento interior. Ele pareceu avaliar se devia mentir-lhe, mas apercebeu-se de tal futilidade pelo que distinguiu no rosto dela.

Quando respondeu, as palavras eram doces, mas vindas de um lugar muito importante.

— Nasci no Muharram no ano 95 depois da Hégira.

Godefroy compreendia bem árabe para troçar.

— Noventa e cinco? Teria de ter mais de mil anos.

— Não — retorquiu ela, dirigindo-se mais a si mesma do que ao cavaleiro e fazendo cálculos de cabeça. — O seu povo usa um calendário diferente do nosso, que começa quando o profeta Maomé fugiu de Meca.

— Quer dizer que este homem não tem mil anos?

— De modo algum — disse ela, pondo mentalmente fim à conversa. — Apenas vive há *quinzentos e vinte anos*.

Pelo canto do olho, viu Godefroy virar-se, espantado, para ela.

— É impossível — murmurou com uma voz trémula que traía a superficialidade da sua incredulidade.

Ela fez frente ao olhar do prisioneiro. Sentia, no fundo desses olhos, a existência de um insondável segredo assustador. Tentou imaginar tudo o que ele testemunhara ao longo dos séculos: a ascensão e a queda de poderosos impérios, cidades a crescerem das areias do deserto para voltarem a ser desgastadas pelo tempo. Quanto poderia ele revelar sobre antigos enigmas e histórias perdidas?

Mas ela não estava ali para o interrogar.

E duvidava, de qualquer modo, que ele respondesse.

Este homem, não — caso ainda pudesse ser chamado *homem*.

Quando o prisioneiro voltou a falar, os seus dedos fincaram-se no bastão.

— O mundo não está preparado para o que procuras. É proibido.

Ela recusou esquivar-se.

— Não te cabe decidir. Se um homem é suficientemente combativo para se apoderar dele, tem o direito a reivindicá-lo e possuí-lo.

Ele voltou a fitá-la, baixando o olhar para o peito dela, para o que estava escondido debaixo da armadura.

— A própria Eva acreditou no jardim do Paraíso quando deu ouvidos à serpente e roubou o fruto da árvore do conhecimento.

— Ah! — suspirou ela, chegando-se mais perto. — Enganas-te a meu respeito. Não sou Eva e não procuro a árvore do conhecimento. Mas a árvore da *vida*.

Tirando uma adaga do cinto, ergueu-a agilmente e enfiou a lâmina até ao punho por baixo do queixo do prisioneiro, levantando-o com a força do seu ímpeto. Com aquela única estocada, a interminável marcha de séculos — assim como o perigo que reclamava — chegou a uma paragem sangrenta.

Godefroy arquejou, recuando.

— Mas não é este o homem que vieste de tão longe ver?

Ela puxou a adaga, fazendo jorrar sangue e afastando o corpo com o pé. Apanhou o bastão antes que caísse da mão inerte do prisioneiro.

— Não era o homem que eu procurava — respondeu. — Mas o que ele trazia.

Godefroy examinou a vara de oliveira que ela empunhava. Sangue fresco escorria ao longo do bastão, revelando um ténue motivo esculpido: serpentes e trepadeiras entrelaçadas ao longo de todo o comprimento.

— O que é isto? — perguntou de olhos arregalados.

A jovem olhou-o de frente pela primeira vez e enfiou-lhe a lâmina da adaga no olho esquerdo. Tinha visto demasiado para continuar a viver. Quando o cavaleiro tombou de joelhos com o corpo a contorcer-se em estertor, ela respondeu à sua última pergunta, com os dedos firmemente agarrados à madeira velha do bastão.

— Eis o Bachal Isu — sussurrou aos séculos vindouros. — Brandido por Moisés, transportado por David e usado pelo Rei dos Reis... O bastão de Jesus Cristo.

QUATRO DE JULHO CINCO DIAS A PARTIR DE AGORA

O assassino espreitou pela mira telescópica e apontou-a ao presidente James T. Gant. Voltou a verificar a distância — setecentos metros — e ajustou a pontaria da M40A3 do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos ao osso occipital da orelha esquerda da vítima, sabendo que um tiro certo causaria estrago. O ruído da música festiva e dos risos do piquenique foi filtrado pelos auscultadores. Deixou que tudo à sua volta se desvanecesse enquanto se concentrava no alvo, na sua missão.

Na história dos EUA, três presidentes tinham morrido exatamente no mesmo dia, em 4 de julho, o aniversário do país. Parecia não se tratar de coincidência.

Thomas Jefferson, John Adams e James Monroe.

Hoje, seria a vez do quarto.

Sustendo a respiração, o comandante Gray Pierce premiu o gatilho.

PRIMEIRA PARTE

HOJE

Σ

30 DE JUNHO, 11H44 EST
TAKOMA PARK, MARYLAND

Gray Pierce entrou no caminho privado com um rugido forçado do motor V-8 do *Thunderbird* de 1960.

Teve vontade de também rugir.

— Julguei que a ideia era vender esta casa — disse Kenny.

O irmão mais novo de Gray estava sentado no banco do passageiro com a cabeça meio de fora da janela a olhar para o bangaló de alta carpintaria com varanda de madeira e empena inclinada. Era a casa da família.

— Já não é — respondeu Gray. — E não fales disso ao paizinho. O seu estado senil torna-o suficientemente paranoico.

Porque há de ser diferente dos outros dias? — resmungou Kenny em surdina.

Gray lançou-lhe um olhar irritado. Tinha ido ao Aeroporto de Dulles buscar Kenny que chegara do norte da Califórnia. Os olhos do irmão estavam congestionados por causa da diferença horária — ou, se calhar, pelas demasiadas pequenas garrafas de gim servidas em primeira classe. Neste momento, Kenny lembrou-lhe o pai, sobretudo, por causa do hálito a álcool.

Viu o seu próprio reflexo no espelho retrovisor ao meter o *Thunderbird* de coleção na garagem. Embora os dois irmãos partilhassem a tez avermelhada galesa e o cabelo escuro do pai, Gray mantinha o cabelo cortado curto e Kenny prendia o seu num curto rabo de cavalo, o que, para alguém com

quase 30 anos, lhe dava um ar juvenil. E para piorar as coisas, usava bermudas e uma *t-shirt* larga com o logótipo de uma marca de *surf*. Kenny era técnico de informática numa firma em Palo Alto e, aparentemente, esta indumentária era a sua versão de homem de negócios.

Gray saiu do carro, fazendo o possível para disfarçar a sua irritação com o irmão. No caminho, Kenny passara todo o tempo a falar ao telemóvel e a tratar de negócios na outra costa. Mal proferira uma palavra, relegando Gray para o papel de motorista.

Como se eu também não tivesse de tratar dos meus negócios.

No mês anterior, Gray interrompera temporariamente a sua vida para lidar com as consequências da morte da mãe e o declínio mental do pai. Kenny viera ao funeral, prometendo passar uma semana para ajudar a pôr os assuntos familiares em ordem, mas, decorridos dois dias, uma urgência profissional obrigou-o a atravessar novamente o país e tudo voltou a cair em cima de Gray. De certo modo, seria mais fácil se Kenny não se desse ao incómodo de voltar. Atrás de si, deixara a Gray uma confusão de papelada sobre seguros e de documentos testamentários.

Hoje, isso iria mudar.

Após uma longa e acalorada discussão, Kenny concordara vir neste momento crítico. Com o pai a sofrer de Alzheimer em estado avançado, a morte súbita da mulher fizera-o entrar numa espiral descendente. Passara as últimas três semanas numa unidade de cuidados intensivos, mas voltara para casa na noite anterior e, durante este período de transição, Gray precisava de mais um par de mãos. Kenny acumulara suficientes dias de férias para passar duas semanas em casa e, desta vez, Gray tencionava mantê-lo por ali.

Gray fora dispensado do trabalho durante um mês e deveria voltar ao quartel-general da Sigma dentro de uma semana. Antes disso, contudo, necessitava de uns dias para pôr a casa em ordem. E era aí que Kenny entrava.

O irmão tirou a mala do porta-bagagem, voltou a fechá-lo com estrondo, mas assentou a palma da mão no para-choques cromado.

— E o carro do pai? Mais vale vendê-lo. Ele já não o pode conduzir.

Gray meteu as chaves no bolso. O *Thunderbird* clássico — preto como um corvo e com estofos de cabedal vermelho — era o orgulho e a alegria do pai. O homem tivera um trabalhão a restaurá-lo: apetrechando-o com um novo carburador *Holly*, velas de alta *performance* e ignição eletrónica.

— Guardamo-lo — respondeu. — Na opinião do neurologista do pai, é importante manter o ambiente à sua volta e a rotina familiar tão estáveis

e consistentes quanto possível. E, além do mais, mesmo que ele não possa guiar, proporcionar-lhe-á algo com que se entreter.

Antes de Kenny poder pensar noutra coisa do pai para vender, Gray encaminhou-se para a porta sem se oferecer para ajudar o irmão com a bagagem. Nos últimos dias, já tivera de tratar suficientemente de bagagem.

Mas Kenny ainda não tinha terminado.

— Se é para manter tudo na mesma e fingirmos que nada mudou, o que estou a fazer aqui?

Gray virou-se para ele de punhos cerrados e tentado a usá-los.

— Porque continuas a ser filho dele e chegou a hora de te portares como tal.

O olhar fixo de Kenny fê-lo baixar o rosto. Os olhos do irmão ardiam de raiva, lembrando ainda mais a Gray o pai. Presenciara aquela raiva no pai demasiadas vezes, em particular, ultimamente. Uma beligerância motivada pela senilidade e pelo medo. Não que aquela raiva fosse uma novidade. O pai sempre fora um homem duro, um texano que trabalhara nos poços de petróleo até um acidente lhe levar quase toda a perna esquerda e todo o seu orgulho, transformando-o em dona de casa. Criar dois rapazes enquanto a mulher trabalhava fora difícil. Para compensar, supervisionara a vida da casa como se fosse um campo de recrutamento. E Gray, tão teimoso como o pai e um rebelde nato, estava sempre a esticar a corda até, por fim, aos 18 anos, fazer a mala e alistar-se no exército.

Foi a mãe, a proverbial cola da família, quem juntou todos de novo.

E, agora, morrerá.

O que iam fazer sem ela?

Kenny acabou por pegar na mala e passou por Gray resmungando palavras que sabia ferirem o irmão como arame farpado enferrujado.

— Pelo menos, não sou culpado pela morte da mãe.

Há um mês, aquele murro no estômago teria posto Gray KO, mas depois das sessões psiquiátricas obrigatórias — embora tivesse faltado a algumas — a acusação do irmão apenas o deixou hirto, momentaneamente espedado no mesmo lugar. Uma armadilha destinada a Gray matara a mãe. *Acidente colateral* fora a frase que o psiquiatra usara para amenizar o sentimento de culpa.

Mas o funeral fora um caixão selado.

Ainda hoje não conseguia encarar a dor de frente. A única coisa que o fazia pôr um pé diante do outro era a determinação de expor e eliminar a sinistra organização por detrás daquele assassinio a sangue-frio.

E foi o que ele fez; virou-se, deu um passo e, depois, outro.

Era tudo o que, por enquanto, podia fazer.

22h58, Hora das Seychelles

Ao largo do arquipélago das Seychelles

Algo a acordou de noite a bordo do iate ancorado.

Amanda passou instintivamente uma mão por cima do ventre inchado para fazer um instantâneo inventário pessoal. Tinha sido uma câibra? No nono mês, era a sua primeira preocupação, um reflexo maternal para proteger a criança que estava para nascer. Mas não sentiu nenhuma dor no abdômen, apenas a pressão do costume na bexiga.

No entanto, depois de dois partos prematuros, o coração em pânico recusava-se a acalmar. Tentou tranquilizar-se. Perdera os seus dois primeiros bebês — um menino e uma menina — nos *primeiros* três meses.

Estou na trigésima sexta semana. Está tudo bem.

Levantou um cotovelo. O marido ressonava docemente ao seu lado na cama de casal do quarto principal do iate e a sua pele escura contrastava com a almofada de cetim branco. A presença musculosa de Mack e os músculos pelos pretos da barba e do peito reconfortavam-na. Era o seu *David* esculpido por Miguel Ângelo em granito negro. Não conseguiu, contudo, escapar a uma certa sensação de desconforto ao hesitar acordá-lo, mas desejava ser abraçada por aqueles braços fortes.

Os pais dela — cuja aristocrática família vivia há gerações no velho Sul — só tinham aprovado o casamento por causa da benevolência forçada da sensibilidade moderna. Mas, no final, a união foi útil à família. Ela era loura de olhos azuis e criada num mundo de bailes e privilégios; endurecido por uma infância difícil nas ruas de Atlanta, ele tinha pele e olhos escuros e cabelo preto. Este casal invulgar tornou-se um símbolo de tolerância e, quando necessário, o seu nome era citado. Mas faltava um elemento essencial àquele retrato de família feliz: um filho.

Após um ano sem conceber — devido a um problema do marido — recorreram à fertilização *in vitro* com espermatozóide doado. À terceira tentativa e depois de dois partos prematuros, tiveram finalmente sucesso.

A palma da mão dela pousou de novo protetoramente no ventre.

Um rapaz.

E foi quando os sarilhos começaram. Há uma semana, recebera um críptico bilhete aconselhando-a a fugir sem avisar nenhum parente. Sugeriu *porquê*, mas dava apenas alguns pormenores, que foram suficientes para convencê-la a fugir.

Um estrondo ecoou no convés. Ela sentou-se à escuta.

O marido rolou na cama, esfregando os olhos, ensonado.

— O que foi, minha querida?

Ela abanou a cabeça e levantou uma mão para o tranquilizar. Tinham tomado inúmeras precauções, encobrendo todas as pistas. Alugaram uma série de aviões particulares usando documentos falsos e diferentes itinerários. Tinham aterrado há uma semana no outro lado do mundo, no aeroporto da minúscula ilha de Assunção que fazia parte do arquipélago das Seychelles. Horas depois da aterragem, fretaram imediatamente um iate e navegaram por entre a cadeia de ilhas espalhadas num arco esmeralda no azul dos mares. Ela queria isolar-se, ficar longe dos olhares curiosos, mas suficientemente perto da capital das Seychelles, Vitória, para o caso de haver complicações com a gravidez.

Desde a sua chegada que apenas o capitão e os dois marinheiros da tripulação tinham visto os seus rostos e nenhum deles conhecia a sua verdadeira identidade.

Parecia um plano perfeito.

Vozes abafadas chegaram-lhe aos ouvidos. Não reconheceu nenhuma, mas ouviu uma ameaça rouca e, a seguir, um tiro, tão nítido e ruidoso como o som de címbalos.

O seu coração pôs-se a bater desenfreadamente.

Agora não. Não, quando estamos tão perto.

Mack saltou, em cuecas, dos lençóis.

— Fica aqui, Amanda!

Abriu a gaveta de cima da mesinha de cabeceira e tirou uma grande pistola automática, a sua arma de serviço dos tempos em que era agente da polícia em Charleston. Apontou para o fundo do quarto.

— Esconde-te na casa de banho.

Pálida e aterrorizada, Amanda pôs-se em pé, a cambalear por causa do peso da barriga.

Mack precipitou-se para a porta e espreitou pelo ralo. Satisfeito, entreabriu suficientemente a porta para sair e voltou a fechá-la atrás de si, dando uma última ordem à mulher.

— Tranca-a por dentro.

Amanda obedeceu e, depois, procurou uma arma qualquer. Encontrou uma pequena faca para cortar a fruta trazida para a cabina todas as manhãs. O cabo ainda estava peganhento de sumo de papaia. Recuou para a casa de banho de arma na mão, mas deteve-se à entrada. Não podia entrar. Recusava ficar encurralada num espaço tão reduzido. Aquela minúscula área não conseguia conter a dimensão do seu medo.

Ouviu mais detonações no meio de gritos e pragas.

Ajoelhou-se com a faca numa mão e sustendo a barriga com a outra. A sua ansiedade transmitia-se à criança. Sentiu um ligeiro pontapé.

— Não deixarei que te magoem — sussurrou ao rapazinho.

Por cima da sua cabeça, passos pesados andavam de um lado para o outro.

Ergueu o rosto, tentando trespassar o teto com o olhar e ver o que se passava no convés iluminado pelas estrelas. O que estava a acontecer? Quantas pessoas lá estavam?

Ouviu um arranhar furtivo na porta, seguido por um bater ligeiro.

Avançou precipitadamente e espreitou. Mack acenou-lhe com a cabeça e, depois, lançou um rápido olhar para trás. Teria descoberto uma maneira de fugirem do iate ou, desesperado, voltara simplesmente para a defender?

Manipulou a fechadura com os dedos entorpecidos e preparava-se para abrir completamente a porta quando foi aberta de par em par a pontapé. Recuou, chocada. Um negro alto em tronco nu entrou no quarto, mas não era Mack.

Tinha a cabeça do marido na mão direita e segurava-a pelo pescoço. O sangue escorria ao longo do seu antebraço. Com a outra mão agarrava uma catana igualmente ensanguentada. Fez um largo sorriso, revelando dentes brancos como um tubarão, manifestamente divertido.

Ela cambaleou, horrorizada, esquecendo-se da pequena faca.

Outra figura surgiu por detrás do monstro. Um homem pálido, impecavelmente vestido com um fato branco. A única cor nele era o cabelo preto e um pequeno bigode ainda mais fino do que os seus lábios. Era tão alto que teve de se curvar para entrar no quarto. Também sorria, mas com ar de quem pedia desculpa pelo entusiasmo do companheiro.

Dirigiu umas palavras severas ao negro num dialeto africano, repreendendo-o, e o brutamontes, com um encolher de ombros, atirou a cabeça de Mack para cima da cama.

— Está na hora de partir — informou-a o homem de fato, com amável sotaque britânico, como se estivesse a convidá-la para uma festa.

Ela permaneceu imóvel. Não se conseguia mexer.

O britânico suspirou e fez sinal ao companheiro.

Este avançou, agarrou-a brutalmente pelo cotovelo e arrastou-a para fora do quarto. O britânico seguiu-os ao longo da estreita passagem. A seguir, subiram a escada para o convés da popa onde reinava o caos e mais horror.

O capitão e os dois marinheiros, juntamente com dois dos assaltantes mortos a tiro, jaziam em poças de sangue. A tripulação fora brutalmente desmembrada.

Os assaltantes que tinham sobrevivido estavam reunidos no convés ou dentro de um velho barco preso à amurada de estibordo. Um punhado deles saqueava o iate, levando caixas de vinhos, mantimentos e tudo o que tivesse valor. Eram todos negros e alguns ostentavam cicatrizes tribais. Muitos eram apenas rapazes. Andavam todos armados: catanas ferrugentas, espingardas automáticas de modelo antigo e inúmeras pistolas.

Piratas.

À luz do luar e revigorada pelos ventos alísios da noite que sopravam de sudeste, a sua mente clareou o suficiente para permitir que o desespero e a culpa amarga a invadissem. Julgara que nas Seychelles se encontravam suficientemente longe do Corno de África para se verem livres dos piratas modernos que infestavam aquelas águas.

Cometera um erro horrível.

Acompanhada pelo britânico, foi empurrada na direção do barco atracado. Tinha lido algures que alguns expatriados europeus ajudavam e financiavam a lucrativa nova indústria da pirataria.

Olhou para o britânico, perguntando-se como é que, no meio desta carnificina, ele tinha conseguido não sujar de sangue o impecável fato branco.

Ele devia ter notado que Amanda o examinava pois, ao chegarem à amurada de estibordo, virou-se para ela.

— O que quer de mim? — perguntou-lhe ela, fitando-o com dureza, satisfeita por todos os papéis a bordo ocultarem a sua identidade. — Não sou ninguém.

O britânico baixou os olhos perante o seu ar resoluto, mas não por vergonha nem remorsos.

— Não é a si que queremos — disse, mirando o ventre dela. — É o seu bebé.

19h00 EST

Takoma Park, Maryland

Equilibrando um saco de compras na anca, Gray abriu a porta das traseiras da casa da sua família. O cheiro a bolo com canela acabado de fazer foi a primeira coisa que sentiu. No regresso do ginásio, recebera uma mensagem de Kenny a pedir que comprasse gelado de baunilha e outros produtos para o primeiro jantar de família desde a trágica perda da mãe.

Ao olhar para o fogão viu um grande tacho com molho à bolonhesa a borbulhar e esparguete a escorrer num coador junto do lava-loiça. Um silvo fê-lo virar-se novamente para o tacho. Reparou numa enorme bolha a formar-se. Abandonado e esquecido, o molho vermelho vertia e pingava no bico de gás.

Algo estava errado.

Isto foi confirmado quando ecoou um berro no quarto ao lado.

— ONDE ESTÃO AS MINHAS CHAVES?

Gray pousou o saco de compras na bancada, apagou o lume e dirigiu-se para a sala de estar.

— ESTÃO A ROUBAR O MEU CARRO!

Atravessando a sala de jantar, Gray foi ver que barulheira era aquela. Móvel demasiado pesada rodeava uma lareira de pedra negra, apagada naquele momento. O pai tinha um aspeto esquelético, reclinado na poltrona junto à janela. Outrora fora uma presença imponente, ali sentado, mas, agora, era uma frágil sombra do que fora.

Mas ainda tinha força. Tentava levantar-se, mas Kenny segurava-o pelos ombros, assistido por uma mulher pequenina de cabelo curto cinzento-acastanhado, vestida de enfermeira. De joelhos e agarrada à mão do pai, suplicava-lhe que se acalmasse.

Mary Benning trabalhava na unidade de tratamento da memória do hospital e, durante a sua hospitalização, o pai afeiçoara-se a ela. Gray conseguia contratá-la para tratar do pai à noite e estar disponível quando passasse pior. O plano era que Kenny mantivesse o pai debaixo de olho durante o dia até Gray arranjar alguém profissionalmente competente para o vigiar vinte e quatro horas por dia. Seria dispendioso, mas o diretor Crowe conseguira um seguro para ajudar a pagar as despesas e manter o pai na sua própria casa.

— Harriet! Larga-me!

O pai soltou a mão e quase dava uma cotovelada no nariz de Kenny.

A enfermeira apertou-lhe ligeiramente o joelho para o sossegar.

— Jack, sou eu, a Mary.

Os olhos do velhote encontraram os dela e uma expressão confusa passou-lhe pelo rosto. A memória voltou-lhe e o seu corpo relaxou.

Mary lançou um olhar a Gray.

— O seu pai viu-o chegar com as compras ao volante do *Thunderbird* e isso assustou-o e confundi-o um pouco. Vai ficar bem.

Kenny endireitou-se com uma expressão inquieta. Nunca tinha visto o pai assim. Afastou-se com ar abatido.

Isto chamou a atenção do pai. Os seus olhos esbugalharam-se.

— O que estás aqui a fazer, Kenny?

Ainda preocupado com o estado do pai, Kenny não soube o que dizer.

Mary deu uma palmadinha no joelho de Jack e respondeu sem esconder a verdade.

— O seu filho tem cá estado todo o dia.

O pai examinou o rosto dele e, depois, reclinou-se na poltrona.

— Ah, pois... é verdade. Já me lembro.

Mas lembrar-se-ia? Ou concordava apenas para fingir estar normal?

Kenny trocou um olhar com Gray, paralisado pelo choque.

Bem-vindo ao meu mundo.

— É melhor ir acabar de fazer o jantar — disse Mary, levantando-se e sacudindo o pó dos joelhos.

— E é melhor que eu acabe de tirar a roupa da mala — acrescentou Kenny, procurando uma saída airosa.

— Boa ideia. E arruma as tuas coisas — ordenou o pai num rompante dos seus antigos modos. — O teu quarto fica...

— Não me esqueci onde fica — interrompeu-o bruscamente Kenny sem dar conta da sua falta de consideração para com uma pessoa que sofria de Alzheimer.

Mas o pai limitou-se a acenar a cabeça com ar satisfeito.

Quando Kenny saiu, o pai pareceu finalmente reparar em Gray. A confusão estampada no rosto desapareceu e foi substituída pela ira. O pai levava quase duas semanas para reconhecer que a mulher tinha morrido e, por isso, a dor ainda era viva. E também sabia o que causara essa perda. Nunca haveria de se esquecer. Tinham-se seguido dias bastante maus, mas o que é que um ou outro podiam fazer? Nenhuma palavra a traria de volta.

O som da campainha da porta da frente sobressaltou-os e Gray, esperando o pior, sentiu os músculos crisparem-se.

Kenny, que já se encaminhava para as escadas, foi abrir.

Uma figura esguia, com um blusão de cabedal preto por cima de uma blusa castanha, surgiu à entrada. Trazia um capacete de motociclista debaixo do braço.

Ao vê-la, a tristeza do dia desvaneceu-se.

— O que estás a fazer aqui, Seichan? — perguntou-lhe Gray aproximando-se dela.

O pai interrompeu.

— Não deixes essa senhora ficar à porta, Kenny — disse, fazendo sinal à visita para entrar.

Podia estar a perder a memória, mas reconhecia uma mulher bonita quando aparecia uma em sua casa.

— Obrigada, senhor Pierce.

Seichan entrou movendo-se com graciosidade felina, toda ela tendões, músculos e longas curvas. Lançou um olhar apreciativo a Kenny ao passar por ele, achando que faltava qualquer coisa no que tinha visto.

A seguir, os seus olhos encontraram o rosto de Gray e endureceram visivelmente — não de raiva, mas de modo protetor. Mal tinham falado desde que há três semanas trocaram um beijo e fizeram uma promessa. O pacto não era romântico, apenas a garantia de que ela trabalharia juntamente com Gray para descobrirem quem estava envolvido no assassinio da mãe dele.

No entanto, Gray lembrava-se da suavidade daqueles lábios.

Haveria algo mais naquela promessa, algo que ainda não fora dito?

Antes de poder pensar mais nisso, o pai apontou para a mesa.

— Íamos agora mesmo jantar. Quer juntar-se a nós?

— É muito amável da sua parte — agradeceu Seichan. — Mas não vou demorar muito tempo. Queria só dar uma palavra ao seu filho.

Aqueles olhos em forma de amêndoa — a sua herança euroasiática — fitaram intencionalmente Gray.

Acontecera alguma coisa.

Seichan era uma antiga assassina do grupo responsável pela morte da mãe dele, uma organização criminosa internacional chamada Confraria. A sua identidade e objetivo verdadeiros permaneciam desconhecidos até mesmo dos seus próprios acólitos. A organização operava através de células individuais em todo o mundo, cada uma delas independente e sem conhecimento do plano geral. Seichan acabara por se rebelar contra a Confraria e fora recrutada pelo diretor Crowe como agente dupla até o seu ardil ser descoberto. Agora, perseguida pelos antigos patrões e por agências de espionagem estrangeiras pelos crimes cometidos no passado, era parceira de Gray e trabalhava sob a sua responsabilidade.

E talvez algo mais.

Gray aproximou-se dela.

— O que sucedeu?

Ela baixou a voz.

— Recebi uma chamada do diretor Crowe e vim diretamente para aqui. Piratas da Somália raptaram um alvo americano muito valioso. Painter quer saber se estás preparado para aceitar uma missão.

Gray franziu o sobrolho. Porque é que a Sigma se envolvia com um simples caso de rapto? Havia uma data de agências de polícia marítima que podiam tratar desse crime. A Sigma — constituída por membros das forças especiais treinados em várias disciplinas científicas — era uma secção secreta da Agência de Defesa para Projetos de Investigação Avançada (DARPA). As equipas da Sigma eram enviadas para combater ameaças globais e não para resolver raptos de americanos.

Seichan deve ter-se apercebido da sua expressão desconfiada. Os seus olhos perscrutaram os dele. Era óbvio que ela estava a par de mais pormenores, mas que não podia falar livremente diante dos outros. Estava a acontecer algo importante. Ao dar-se conta disso, o coração de Gray começou a bater com mais força.

— O assunto é urgente — acrescentou ela. — Um jato já está a abastecer-se de combustível e o Kowalski vem a caminho para nos apanhar. Podemos passar pelo teu apartamento quando sairmos daqui. Caso contrário, seremos informados pelo caminho.

Gray olhou para a poltrona junto da lareira apagada. O pai ouvira a conversa e fitava fixamente o rosto do filho.

— Vai — disse-lhe o velho. — Faz o que tens de fazer. Tenho gente suficiente aqui para me ajudar.

Gray sentiu-se reconfortado por aquela abrupta autorização — em certa medida, significava um pouco de perdão por parte do pai. Mas as palavras que ouviu a seguir, ditas com amargura, aniquilaram a esperança.

— Além disso, quanto menos te vir nesta altura... melhor.

Gray vacilou. Seichan segurou-o pelo cotovelo, pronta a agarrá-lo. Mas foi o calor da sua mão, o conforto do contacto humano — como o beijo que tinham trocado há semanas —, que, mais do que tudo, o estabilizou.

Mary entrou na sala de jantar a limpar as mãos a uma toalha. Também ouvira aquelas duras palavras e lançou um olhar de simpatia a Gray.

— Tenho tudo sob controlo. Tire algum tempo para si.

Gray agradeceu-lhe silenciosamente e deixou que Seichan o conduzisse até à porta. O desejo de se despedir do pai queimava-lhe dolorosamente o peito, mas não tinha voz para o exprimir.

Deu por si no alpendre da frente sem saber como. Parou no degrau de cima e respirou fundo.

— Estás bem? — perguntou Seichan.

Ele passou-lhe a mão pelo cabelo.

— Tenho de estar.

Ela continuou a observar-lhe o rosto, como se procurasse uma resposta mais autêntica.

Antes de a conseguir encontrar, um chiar de pneus anunciou a chegada do transporte. Ambos se viraram quando um monovolume preto travou ao pé deles. A janela abriu-se permitindo que uma baforada de fumo saísse do interior. Seguiu-se a cabeça rapada de um gorila a mastigar o toco de um charuto.

— Vens ou não? — perguntou Kowalski com voz roufenha.

Embora o homem o exasperasse, Gray nunca se sentira tão feliz por ver o seu abrutalhado colega. Desceu os degraus, mas Kenny correu atrás dele bloqueando-lhe o caminho.

— Não podes partir agora. O que é suposto que eu faça?

Gray apontou para a casa.

— É a tua vez. O que achas que andei a fazer todo este tempo?

Empurrou o irmão e dirigiu-se para onde estava o monovolume e a motocicleta de Seichan.

Ela enfiou o capacete na cabeça enquanto caminhava ao seu lado.

— Quem mais vai trabalhar connosco? — perguntou Gray.

— Temos de contactar dois colegas. Agentes locais que já se encontram na região e têm talento especial para nos ajudar nesta missão.

— Quem são eles?

Ela sorriu-lhe vagamente ao baixar o visor do capacete. E as suas palavras vindas do interior ecoaram estranhamente divertidas.

— Espero que te tenhas vacinado contra a raiva.